



riso infantil, ás taciturnas fronteiras que o estudo macerou, embasbando-as!

Uma cantiga de Coimbra (de Coimbra, se bem me recordo) afirma que ha mais sciencia n'um beijo de amor que nos livros dos doutores. Atravez da aria irreverente, meu caro amigo, transluz uma grande verdade! É que o beijo cria vida, dilata a creação, acende novas almas, e a sciencia não faz mais do que machucar as pobres almas, para ver como ellas foram feitas... Tambem ha ingenuidade, infantilidade, nos sabios, meu caro Antonio Sergio...

Eu voto pela cantiga de Coimbra... Desconfio que a Cotovia sabe alguma cousa do Sol... talvez mais do que os astrónomos... Que dirá a este argumento alado, cantante, matutino, o bisonho *môcho* nocturno que sabe, que estuda, que profunda as cousas? Pia... pia... sinistramente um riso amarelo sobre a poeira dos sepulcros. A sua cátedra é o cipreste...

Já fui rouxinol e archanjo; quero morrer cotovia. Apelemos, portanto, para o Sol, a proposito de S. Francisco de Assis. Com mãos de luz, caro amigo, é que se deve tocar em tão divina figura. Para longe a descarnada mão scientifica, essa mão que define, mumificante! Apelemos para o Sol. Quem melhor o cantou do que S. Francisco de Assis? Se ele foi a sua propria luz espiritualizada, um seu divino e efemero reflexo que passou pelo mundo, entre a sua pessoa e o astro rei não ha distancias. O que fôr verdadeiro quanto ao Sol, será verdadeiro quanto a S. Francisco de Assis. Leia a seguinte frase, meu caro amigo: *a aurora é causada pelo sol que está para nascer...* e o alvoroço místico anterior a S. Francisco de Assis... era já S. Francisco de Assis! (Estou vendo o assombro dilatar-lhe os olhos negros...) Mas continuemos: as grandes almas, antes de surgirem individualizadas, dentro dum corpo humano, vivem esparsas e difusas... madrugantes.

A luz percursora duma nova ideia é... essa mesma ideia a caminho da sua condensação, isto é, do nascimento. Se a ideia morre sem haver atingido a forma definida e viva, tambem a sua luz anunciadora se extingue, sem deixar vestigios. É como a promessa duma cousa vaga que jamais se mostra. (Compreende este argumento? Eu, por mim, não me atrevo a dizer que o compreendo, pois o meu caro Antonio Sergio só me concede a faculdade de sonhar... Mas, o que lhe affirmo terminantemente é que *adivinho* a sua verdade!). Continuemos: que seria do movimento místico italiano sem a alma de S. Francisco de Assis e o seu canto ás creaturas? N'este canto, *obra individual*, é que ele se define, é que ele tomou corpo e vida, é que ele foi *verdadeiramente*.

O *franciscanismo* (até o nome o indica) é obra do individuo Francisco de Assis, não destruindo esta affirmacão o facto de haver existido, antes d'ele, os taes frades de que fala, pois é certo que a palavra *originalidade* nunca pode ter, n'este mundo, um valor absoluto. Tambem os apóstolos de Christo eram judeus, e, todavia, o christianismo não foi um movimento judaico. De resto, só é proprio

d'um povo, o que n'ele vive e perdura, e o *franciscanismo* não pendurou na Italia. O Vaticano, sim.

Quanto á identificação da sociedade com o estado, declaro que não tomei a palavra identificação como significando absorção, mas como traduzindo harmonia, concordia entre as duas entidades, o contrario do que se dá em França, onde o corpo politico está contrariando as aspirações patrioticas do povo francez. Mas bemdigo o meu engano e a ignorancia que o causou, pois a eles devo o ser considerado por si, uma *gentil creancinha que dorme e sonha*. Como vê, não resisti a transcrever esta frase lisongeira. Ser gentil creancinha é muitissimo, de dormir tambem foi acusado Homero, e o sonhar, meu bom amigo, é o que nos distingue dos outros animaes.

É pelo sonho e não pela razão, creia, que o homem se destaca dos outros bichos. Este seu argumento contra o saudosismo merece todo o meu respeito. Ah, meu querido e venerando avoengo! Como eu vejo erguer-se das suas palavras encanecidas, pingadas de simonte, o amado e saudoso vulto ancião do meu primeiro mestre! . . . V. tambem usa aqueles olhos na testa, e a sua visão intelectual, dilatada pelo vidro, restitue carinhosamente á minha pessoa, já afflicta sob as primeiras brancas e as rugas... o *edenico esplendor dos primitivos dias* . . .

Tal argumento é sagrado para mim. Tocár-lhe, mesmo com uma flor, seria profaná-lo!

Vejamos agora aquelas duas frases (o que é verdade em França pode ser mentira em Portugal. Se concorreu a distribuição das terras para a prosperidade franceza, na Grã Bretanha aconteceu precisamente o contrario) que o meu caro amigo interpretou o seu *bel prazer*, conforme lhe conveio. É humano.

Não lhe direi que sonhou. Quero o exclusivo do sonho, pois é possível que os *trusts* não estejam na orbita do seu pensamento economico, assim como a grande propriedade.

Eu affirmei (e muito bem, d'acôrdo com Pascal) que o que é verdadeiro n'um paiz pode ser mentira n'outro; e affirmei que a Grã Bretanha deve a sua grandeza colonial á constituição da grande propriedade, ao morgadio. Vá lá! a minha ignorancia vê-se obrigada, embora lhe custe, a confessar que tambem leu a obra d'um economista, na qual se affirma que o morgadio atirou com os filhos segundos para a India, America e Oceania, onde crearam um imenso emporio colonial que é a base da grandeza britanica. E creio que o seu citado Taine diz isto mesmo nas Notas sobre a Inglaterra.

Temos assim, a França enriquecendo com a divisão das terras que principiaram a ser cultivadas, (sim senhor! eu já sabia que, em todas as partes, a cultura da terra é boa e a não cultura, má. E muito antes de mim e de si, já o sabia o meu visinho *Joaquim da porta* que tem 60 annos de trabalho de enxada e é d'uma ignorancia mais perfeita e virginal do que esta que lhe está falando, pois o velho e honesto camponez nunca, em dias da sua vida, sujou a luz dos olhos em tinta de letra impressa.) e temos a Inglaterra enrique-

cendo com a não divisão da propriedade, enviando ao ultramar vigorosos braços que de lá canalisaram para a metropole rios e rios de ouro!

A França prosperou cultivando a propria terra que é bôa e fecunda, e a Inglaterra prosperou cultivando e explorando estranhas terras longinquoas, porque o seu proprio solo, menor em aria e muito menos productivo que o francez, por melhor cultivado que fôsse, não poderia crear riqueza que lhe garantisse um tão alto poderio.

Pensa, portanto, a minha ignorancia (ou antes, sonha, como quiser) que as regras da economia social não possuem os attributos de Deus que o meu apaixonado e illustre economista lhe attribue. É preciso adaptá-las aos povos, á sua potencia de trabalho e especialidades deste, á natureza dos seus territorios, etc... Mas isto é lá comsigo. Não quero meter, por mais tempo, a fouce em seára alheia.

Fala ainda no sistema de Lloyd George. Interrogue tambem o senhor Balfour que é digno de ser ouvido na materia. E o que resultará para a grandeza britanica das ideias de George, só ao futuro pertence...

Agora diga que eu sonhei que Lloyd George não existe, que a revolução franceza foi no seculo XIII e outras brincadeiras da sua chalaça inofensiva...

Tambem o meu querido amigo decreta que no principio todas as egrejas viveram separadas de Roma. E eu digo-lhe que a igreja portuguesa conservou até muito tarde a sua autonomia, creando um rito, pontos de fé especiaes, etc. Ela encarnava, emfim, uma *forma sua* do Christianismo. E, por isso, perdeu a autonomia violentamente, pela força da vontade d'um rei e não por expontanea adaptação á Curia.

Leia Gil Vicente, o Cancioneiro Popular... e verá que o nosso sentimento religioso não é romano. Camões não colocou Jesus Christo ao lado dos Deuses do Olympo? Se elle fosse catolico, não praticaria tal sacrilegio, por mais que o seduzisse a literatura greco-romana. Nas suas proprias liricas, como no lirismo popular, ha um *sentimento panteista e nosso*, anti-catolico.

Mas vejo que tudo são *afirmações saudosistas* e, *como sempre, precisamente o contrario da verdade*. E o meu caro amigo attribue á minha pessoa a *audacia de olhos puros*, o *santo descaramento da invenção!*

Basta de tanta generosidade! Que se dê o casaco, o chapeu, ainda o relógio, vá! Mas a propria pele?!

Em seguida, o querido amigo (a minha ignorancia não se atreve a chamar-lhe confrade) recorre ao seu processo de misturar trechos meus, truncados, e arrancados á tóa da ultima carta que lhe escrevi. Quer ver se lhes consegue uma atitude caricata. O processo é facil e engenhoso. Para ridicularisar um desgraçado não ha como pintar o seu retrato, pondo-lhe os queixos na testa, as pernas no logar dos braços e os olhos no sitio do nariz! Eis o que fez á minha prosa que,

de maravilhas feita, passou a ser obscura. Ainda bem que o seu sorriso a alumia . . .

A este proposito, deixe-me dizer-lhe que falei da alma inglesa, vendo-a atravez dos seus poetas. Que a sciencia perdoe á Poesia, mas é n'esta que a alma d'um povo se mostra no seu aspecto superior, eterno e verdadeiro.

Guardo para o fim o principio da sua carta, porque é o mais importante. N'ele afirma, pela decima vez o que eu, pela decima vez, tenho contestado. Mas vá lá. Tornarei a repetir que o Saudosismo tem por alma a Saudade . . . a lembrança e o desejo, ouça bem! Se um dos seus elementos é espiritual e contemplativo, o outro é material e activo. Se um é alma que sonha, o outro é corpo que trabalha. O Saudosismo traduz a harmonia entre os dois principios. E não devemos desprezar nenhum, se quizermos fazer obra humana, fecunda e deste mundo, onde o homem-machina de certos economistas não passa, afinal, d'um phantasma.

O homem de carne e osso é o unico homem que verdadeiramente existe sobre a terra, conforme disse na sua ultima extraordinaria obra, Miguel de Unamuno.

A educação tem de ser sentimental e pratica, preparando o homem a viver pela alma uma vida superior e, ao mesmo tempo, de trabalho fecundo e livre. O homem é carne e osso, sentimento e intelligencia.

E, no nosso caso nacional, a educação verdadeira será aquella que tornar os portuguezes conscientes da sua Patria e aptos para o trabalho que produz riqueza material e espiritual.

Já disse isto varias vezes; mas o meu caro amigo insiste em considerar as *tendencias saudosistas como sentimentaes, contemplativas, horrorisando a materia (!)* e *levando, portanto, a mocidade ao bacharelismo, á secretaria, ao comunismo.*

E insiste, para que? Para conseguir argumentos contra o Saudosismo! Á Saudade, como a todas as Deusas, não lhe faltam herejes atacados de frenesi! O que só mais prova a sua divindade . . .

E agora, meu caro Antonio Sergio, creia sempre na minha amizade e admiração. E, se tiver a estopada de responder a esta carta, não estranhe o eu demorar a minha resposta. Tenho muito que fazer durante os mezes mais proximos.

J. Teixeira de Paes